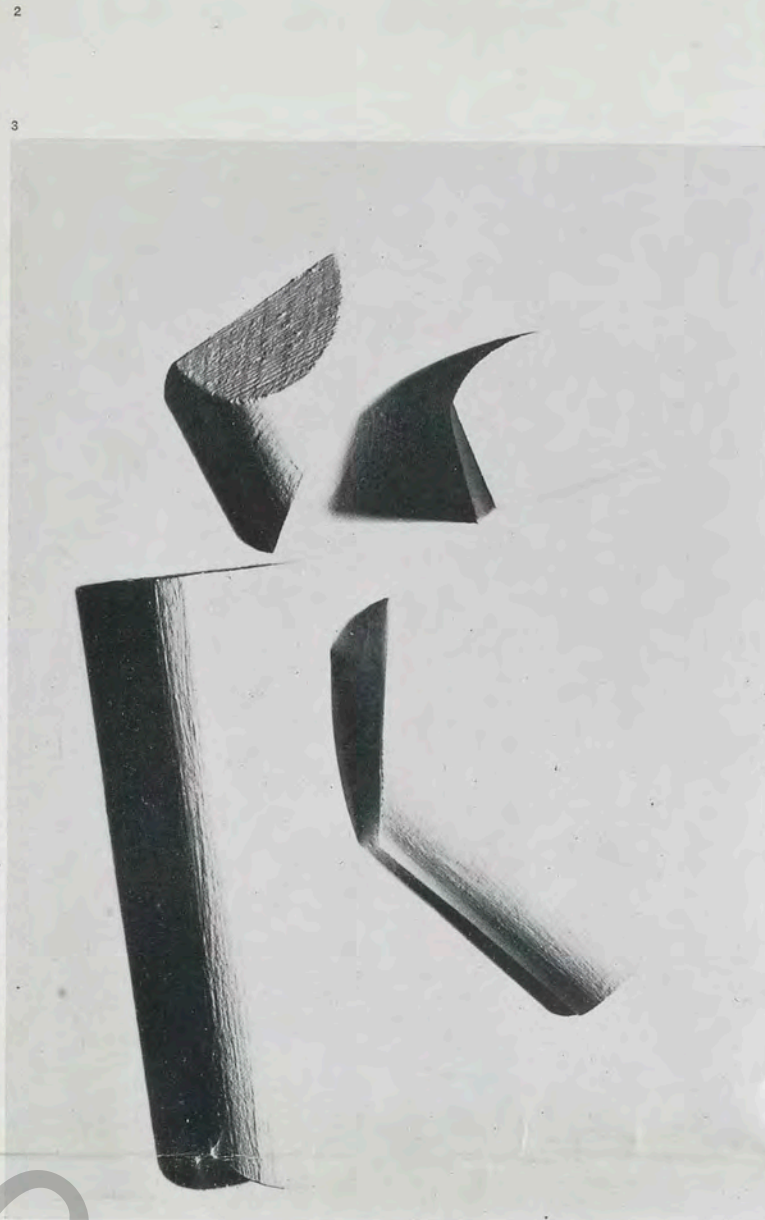
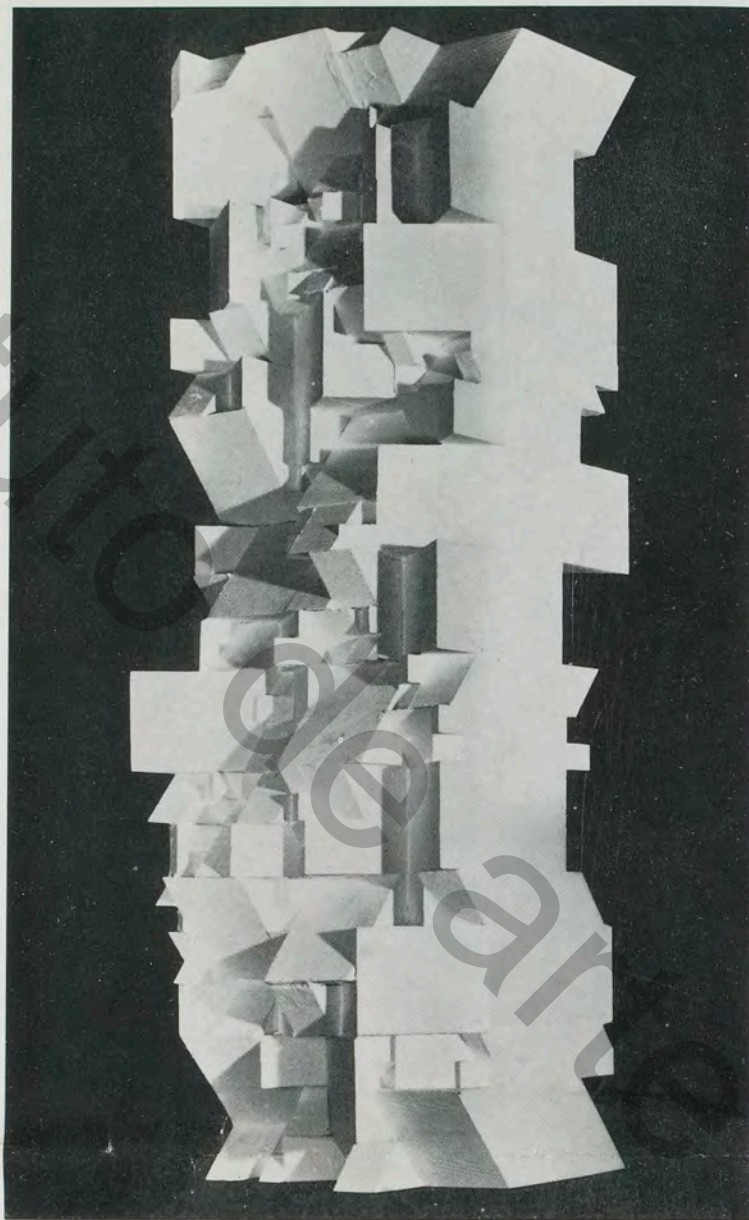


Instituto de Arte Moderna



Salões

Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958, 1960, 1961.
 Salão Paulista de Arte Moderna, 1954, 1955.
 Bienal de São Paulo, 1955, 1957.
 Festival de Arte Contemporânea, Pôrto Alegre - 1958.
 Arte Latino-americana de Paris. Museu de Arte Moderna de Paris, 1962/65.
 Salon de La Jeune Sculpture, Paris - 1963, 1964.
 Biennial de Paris, 1963.
 Salon Comparaison, Paris - 1964, 1965.
 Seleção Comparaison, Kunstverein - Munich, 1964.
 Seleção Bienal de Paris - Annecy, Nice, Lyon, Le Havre - 1964.
 Bienal de Antuerpia - 1965.

Exposições coletivas

1957 - Arte Moderna Brasileira - Buenos Aires, Santiago, Lima.
 1958 - Galeria GEA, Rio.
 1961 - O Rosto e a Obra - IBEU, Rio.
 1963 - Formes et Magie - Paris.
 1963 - Sete Artistas Brasileiros - Galerie XX Siècle, Paris.
 1963 - La Boite et son Contenu - Galerie Legendre, Paris.
 1963 - Transition - Galeria Ravenstein, Bruxelas.
 1964 - Montparnasse d'Aujourd'hui - Galerie Margareto Lauter-Mannheim.
 1964 - L'Aujourd'Hui de Demain - Musée de la ville de Arras.
 1964 - First Pilot Exhibition - Signal's London, Londres.
 1964 - Second Pilot Exhibition - Signal's London, Londres.
 1964 - Festival de Arte Sul-americana - Signal's London, Londres.
 1965 - Mouvement II - Galerie Denise Renée, Paris.
 1965 - Art and Mouvement - Royal Scottish Academy, Edimbourg.
 1965 - Spatial and Kinetic Art - Midland Group Gallery - Nottingham.
 1965 - Keukenhof - De Nederlamdse Kunststichting - Zeist, Holanda.

Sergio de CAMARGO

Nasceu no Rio de Janeiro em 1930. Reside no Rio e em Buenos Aires onde frequenta a Academia Altamira na qual lecionam Petorutti e Lucio Fontana. Em 1948 viaja para a Europa, frequenta o curso de filosofia da Sorbonne e entra em contato com os escultores Brancusi, Arp, Auricoste e Van Tongerlo. 1950, volta ao Brasil. 1951/1953, segunda estada na Europa. 1954, visita a China. Reside em Paris desde 1961.

Distinções

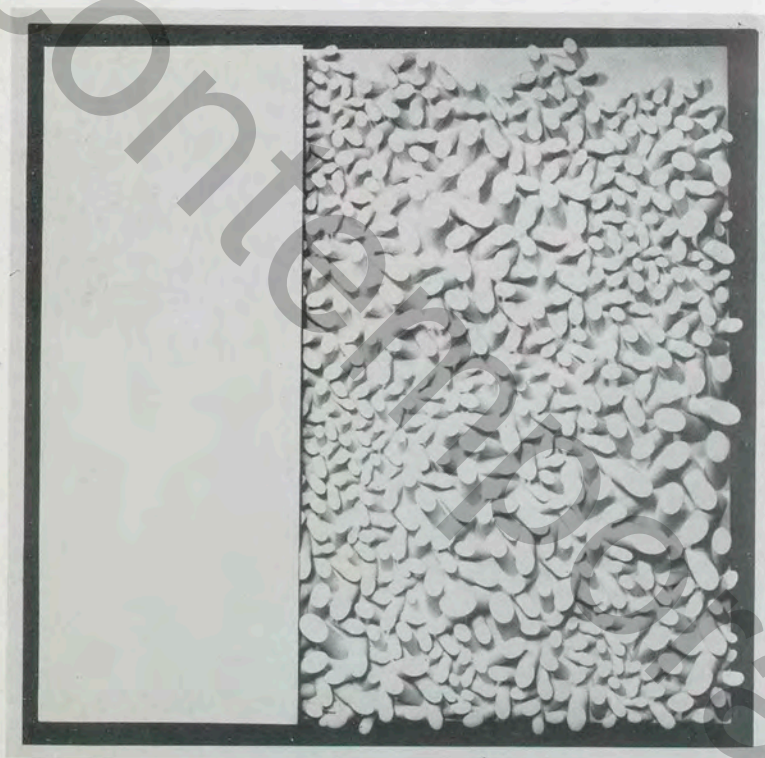
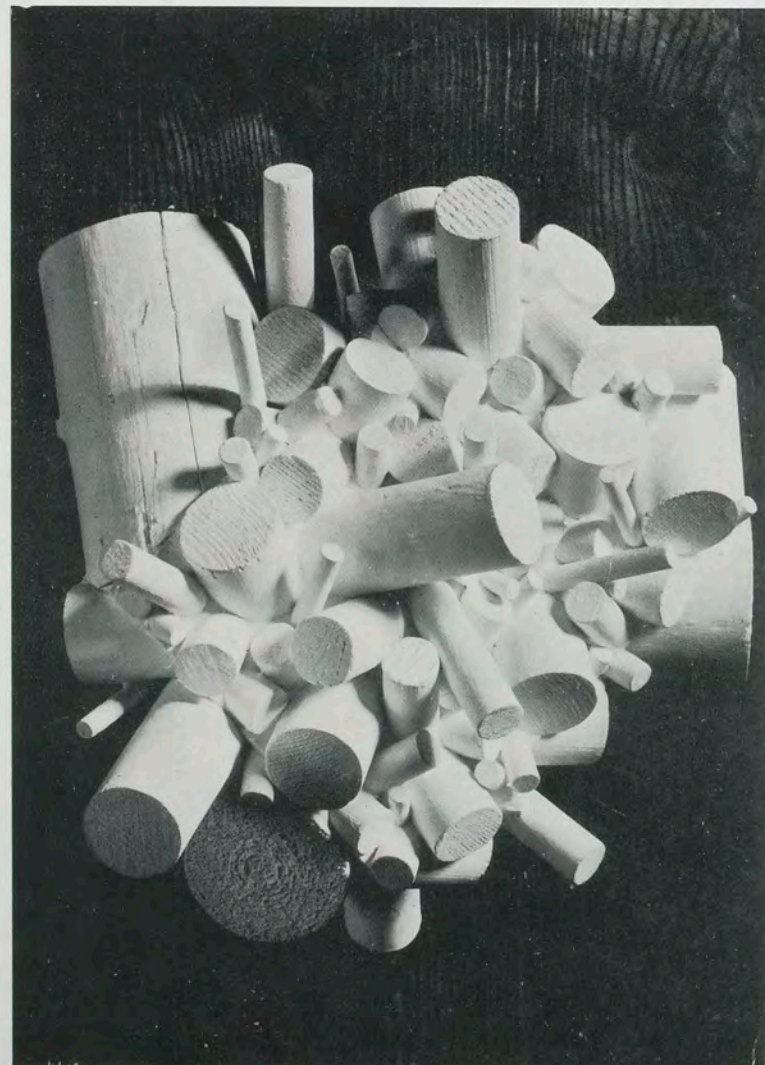
1954 - "Hors Concours" no 3.º Salão Nacional de Arte Moderna
 Prêmio de Aquisição no mesmo Salão
 Prêmio de Aquisição no 3.º Salão Paulista de Arte Moderna
 1963 - Prêmio Internacional de Escultura na 3.ª Bienal de Paris

Museus

Museu Nacional de Belas Artes - Museu de Belas Artes de São Paulo
 Museu de Arte Moderna de Paris. Tate Gallery - Londres.
 Representado em coleções de Paris, Londres.
 Bruxelas, Stockolm, Oslo, Caracas, Buenos Aires e Rio de Janeiro.

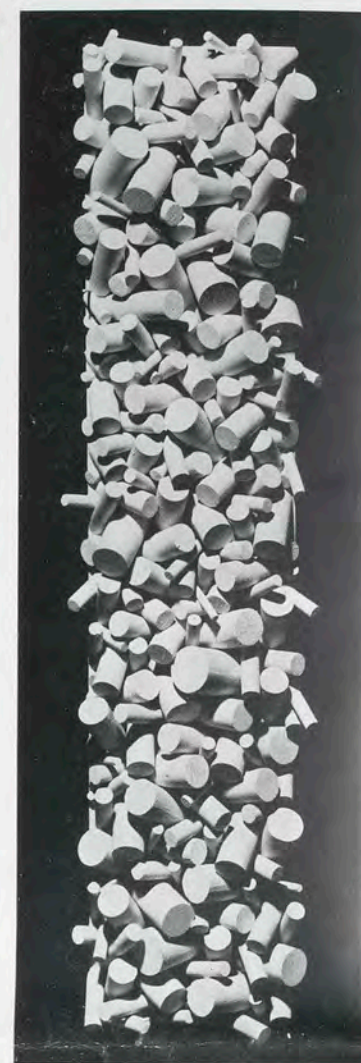
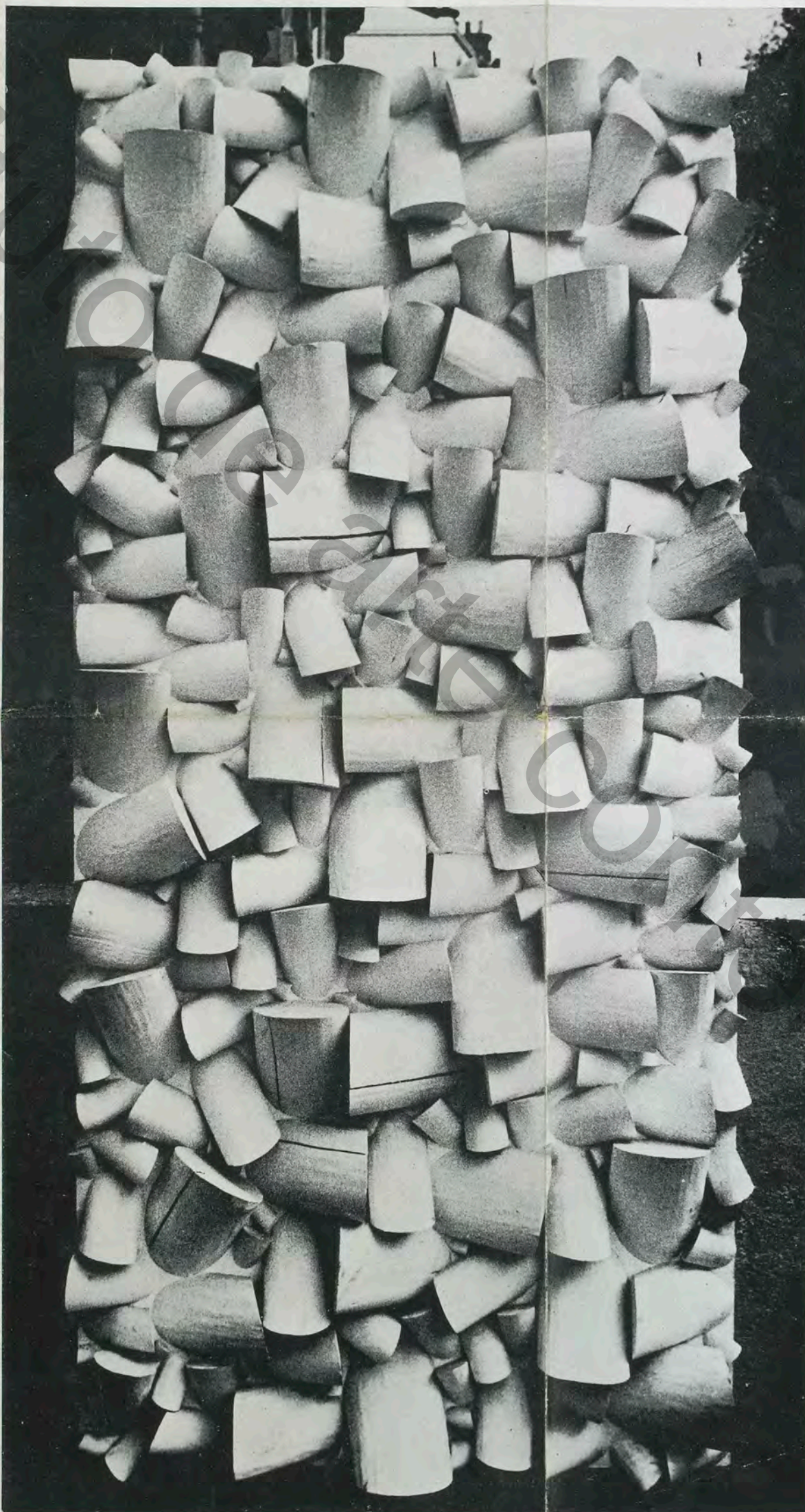
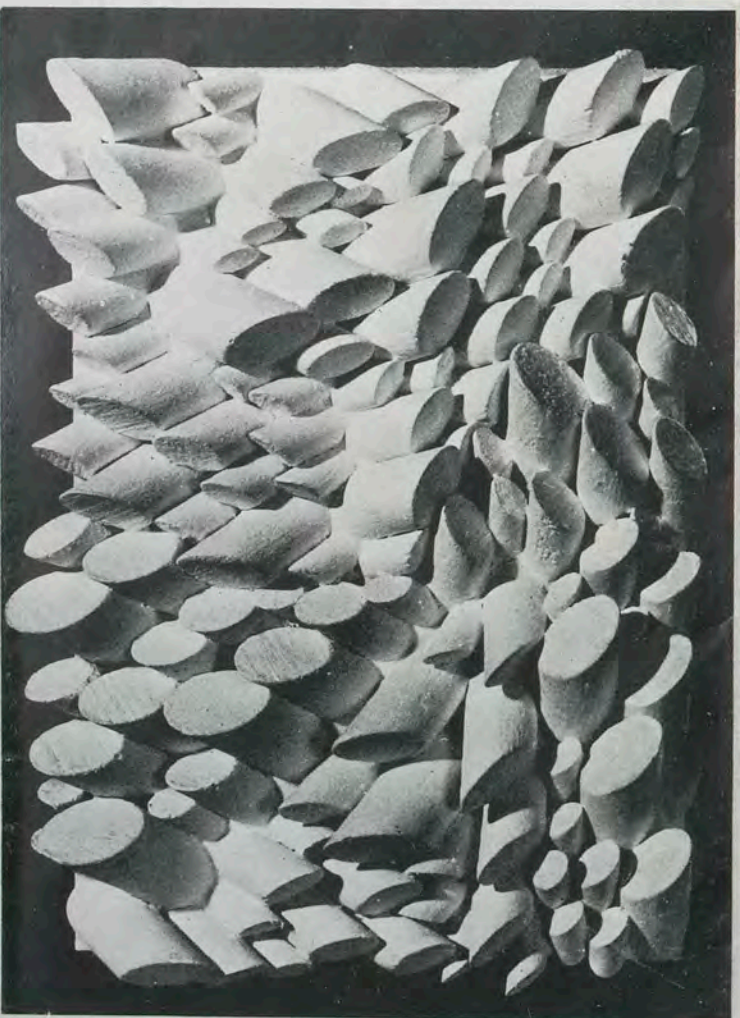
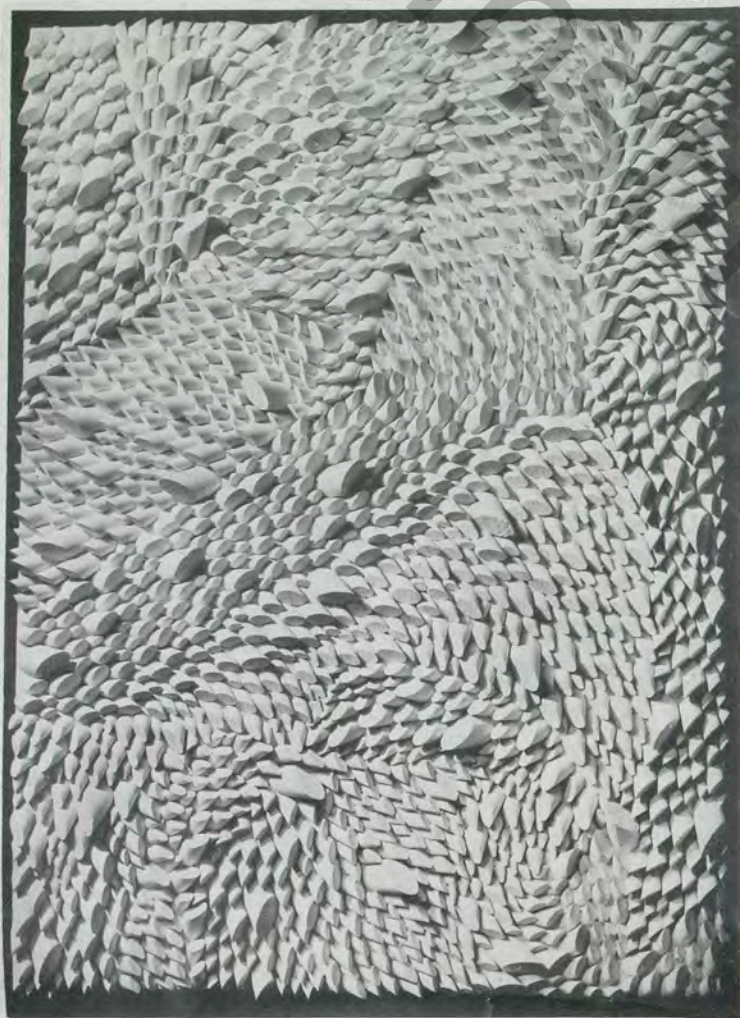
Exposições individuais

1958 - Galeria GEA, Rio de Janeiro
 1958 - Galeria de Arte das Folhas, São Paulo
 1964 - Signal's London Gallery, Londres



- 1 - Orée n.º 6/27
- 2 - Torre n.º 1/56
- 3 - Elementos diversos n.º 1/36 - coleção David Cortez de Medalha (Londres)
- 4 - Elementos n.º 1/32
- 5 - Par n.º 26/64 - coleção Paul Keeler (Londres)
- 6 - Relêvo raionante n.º 2/21 - coleção Gromholt (Oslo)
- 7 - Relêvo arborescente n.º 2/41 - coleção Robert Urbye (Oslo)
- 8 - Volume vertical n.º 23/52

LAY-OUT: CRUZ DIEZ



CAMARGO

Denys Chevalier

(Aujourd'hui, n.º 46, Julho 1964)

... Desmaterializada, a arte de Camargo só utiliza elementos impessoais. De onde vem então, nesse caso, a evidência tão flagrante de seu lirismo? De onde senão da luz que é, muito mais que a madeira, seu material e seu instrumento... Fenômeno curioso, mas perfeitamente normal, essa comunicação lírica repousa em um substrato de experiências anteriores, estreitamente determinadas. Realmente, quase todos os alto-relevos de Camargo, tão sensíveis, tão púdicamente coloridos na expressão e tão livres ao mesmo tempo, têm por origem outras obras que, partindo de elementos igualmente geométricos, serviram como exercícios de estilo ou de vocabulário. E por uma espécie de ultrapassar, por meio da efusão lírica plástica que Camargo conseguiu realizar a passagem do exercício gramatical à poesia. Uma verdadeira pontuação anima e então a composição, sempre difusa do ponto de vista tradicional, mas notavelmente estruturada.

José Augusto França

(O Estado de São Paulo 1/2/64)

... A obra de Sergio de Camargo traduz pesquisas rigorosas e metódicas à qual é recusada qualquer definição esquemática: a fineza do trabalho em que os pormenores podem ficar reduzidos a escala da rugosidade ou da agulha mais quebradiça, comanda diligências sutis cujas contínuas variações trazem consigo novos enriquecimentos. Camargo aproxima-se do real de uma maneira irônica, através dum jogo em que a natureza inspiradora é, ao mesmo tempo, simulada e agredida, até aos limites ambíguos do informal. Arte de difícil leitura, porque arredia a categorias estabelecidas (ou estabelecíveis)...

(Aujourd'hui n.º 46-1964)

... Laureado da 3.ª Bienal de Paris, Camargo é provavelmente um dos jovens escultores de Paris que mais promete.

George Boudaille

(Lettres Françaises, 20 de Junho 1963)

Dos quatro escultores presentes, Sergio de Camargo é o mais dotado, o mais pessoal e o mais brasileiro ao mesmo tempo. Seus relevos aparecem como proliferações vegetais ou minerais que um jardineiro-mágico orquestraria... Em seguida é através de uma longa conquista sobre si mesmo, através da meditação e do aproveitamento da sua verdade, que ele atinge a originalidade e a expressão de uma realidade nacional. Assim, Sergio de Camargo, pelo aspecto barroco, mais ritmado e controlado, seus relevos pertencem bem ao estilo da nossa época. Pelo seu carácter proliferante, vegetal, inquietante, ele evoca para nós, Europeus, esse imenso país, velho e novo ao mesmo tempo...

Karl K. Ringström

(Catálogo "Transition" Bruxelas, Dezembro 1963)

A posição de Camargo vis-a-vis da escultura é simultaneamente muito simples e infinitamente complexa. Quer destruir a forma, o volume, os materiais, o desenho, etc... para animar suas obras somente com vibrações luminosas. Sua atitude está longe da de um nihilista que destrói por destruir; ele deseja distribuir para construir... Apesar de seu aspecto cambiante, esta obra é construída solidamente. Só um artista lúcido e sensível, que trabalha assiduamente os seus problemas, sem se limitar, pode obter uma tal perfeição num conjunto onde a composição é quase imperceptível. Camargo nos coloca diante de uma superfície de uma brancura imaterial e irreal, uma superfície em constante mutação que, desnudada de um desenho precioso, nos mergulha numa "reverie" sem limites.

Oswell Blakeston

(Whats on in London 15 Janeiro 1965)

O atual expositor neste novo centro de vanguarda é um romântico. ... Queira ou não o escultor, trata-se da volta triunfante da nossa velha amiga "a beleza".

Sturt-Penrose

(The Arts Review, London, n.º 28, 9-23 Janeiro 1965)

Nada surpreendente que os relevos em madeira de Camargo possam intrigar. Ninguém no momento pesquisa no mesmo sentido do que ele. (...) Aparentemente tratar-se-ia de uma fórmula muito simples, e não de um meio profundo de expressão, de comunicação direta. Mas o fato é que o artista nos atinge onde menos esperamos. (...)

The Times

(6 de Janeiro de 1965)

Não há aqui busca de efeito, e sim o fruto de uma espontânea observação da natureza transpostos para uma ordem sutil e precisa... Os últimos trabalhos, mais geométricos, lembrando menos a ideia de "Crescimento orgânico" estão no entanto empregados de uma forma intuitiva e, apesar da uniformidade da cor e da modéstia dos meios, não são nunca cerebrais.

Festival de Arte Sul Americana

(The Times, 13 Outubro 1964)

Provavelmente o artista mais importante aqui seja Sergio de Camargo. (...) O seu trabalho é espontaneamente ligado à terra, mas nunca de modo casual, brutal ou teórico.

Paul Grinke

(The Financial Times, 29 Janeiro 1964)

Os relevos de Camargo, com a sua textura eriçada e branca, de uma pureza absoluta, são tão estimulantes como um passeio pelos brancos penedos de Dover, e consideravelmente importantes para os olhos.

Edwin Mullins

(The Sunday, Telegraph 17 de Janeiro 1965)

Os puros relevos de Camargo são de uma monotonia impessoal; é como olhar para uma formação de nuvens ou um campo de neves. Ao mesmo tempo são infinitamente sensíveis. Tratar-se-ia de transpor para a escultura a disciplina e a liberdade da composição musical...

Gerald Turner

(Signal's n.º 5 Dezembro de 64 - Janeiro de 65)

Para Camargo a descoberta dos cilindros de madeira foi decisiva, permitindo-lhe abandonar o supérfluo para concentrar-se no que resta: o caminho para a verdadeira poesia. (...) Na obra de Cézanne, a cor surge e a direção do plano e permite a leitura da sua pintura. Em Camargo é a luz, — incalculável, sempre diversa — que empresta aos seus relevos esse elemento ativo espontâneo que é a verdadeira razão de sua beleza.

A note on Camargo:

(From the diary of Sinclair Belles (London 1964))

He has freed the carbon from nothing! When I came out of my tent I saw that his soul which had blown all night had left its unmistakable patterns on the white landscape.